



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



**COMPETITIVIDADE, ESPECIALIZAÇÃO E VANTAGEM COMPARATIVA
DO ESTADO DE MATO GROSSO NO MERCADO INTERNACIONAL: UM
ESTUDO DE INDICADORES DE COMÉRCIO EXTERIOR NO PERÍODO
1996- 2007**

**PAULA LUCIANA SILVA; BENEDITO DIAS PEREIRA; ALEXANDRE
MAGNO FARIA; GERSON RODRIGUES SILVA; ARTURO ZAVALA
ZAVALA;**

UFMT

CUIABA - MT - BRASIL

bdp@terra.com.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Comércio Internacional

**COMPETITIVIDADE, ESPECIALIZAÇÃO E VANTAGEM COMPARATIVA
DO ESTADO DE MATO GROSSO NO MERCADO INTERNACIONAL: Um
Estudo de Indicadores de Comércio Exterior no Período 1996- 2007**

Grupo de Pesquisa: 3: Comércio Internacional.

RESUMO: Este artigo identifica os grupos de produtos do estado de Mato Grosso que exibem vantagens competitivas no comércio exterior durante o período 1996-2007. Para tanto, com base em dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria e Comércio, estimam-se indicadores de Comércio Exterior, tais como VCR (Vantagens Comparativas Reveladas), ICSC (Índice de Contribuição ao Saldo da Balança Comercial) e TX (Taxa de Cobertura). Além disso, identificam-se *pontos fortes e pontos fracos* desse comércio. De modo geral os resultados apontam que o Estado possui vantagens competitivas nos grupos de produtos: I (produtos do reino animal), II (produtos do reino vegetal), III (óleo e gorduras vegetais), IV (produtos das indústrias alimentícias e bebidas), VIII (couros e peles), IX (madeira e carvão vegetal), XI (têxtil e vestuário) e XIV (metais preciosos) e é dependente da importação de produtos dos grupos: VI (produtos químicos) XV (metais comuns), XVI (máquinas e equipamentos) e XVII (material de transporte). Esses caracteres moldam uma economia primário-exportadora, competitiva e com inserção externa bem-definida: gerar divisas externas, visto que a grande maioria da produção interna de soja e de outros bens primários destinam-se à exportação, desempenhando relevante função na geração de *superávit* da balança comercial brasileira.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Palavras-chave: Competitividade, vantagem comparativa relevada, comércio exterior.

ABSTRAT: That article looks for to identify the groups of products of the state of Mato Grosso that represent competitive advantages in external trade, in the period of 1996 -2007. For so much, it was used of indicators of External Trade such like RCA - Revealed Comparative Advantage, ICBTB - Index of Contribution to the Balance of the Trade balance, TX - Tax of Covering and the identification of the *strong points* and *weak points*. In the general results appeared that Mato Grosso possesses competitive advantages in the groups of products I, II, III, IV, VIII, IX, XI and XIV, respectively: products of animal origin, products of vegetable origin, oil and vegetable fats, products of the provision industries and drinks, wood and coal vegetable, textile and clothing and precious metals, and it is dependent of import of products of the groups of VI, XV, XVI and XVII, respectively: chemical products, common metals, machines and equipments, and transport material. These characters shape an economy primary-exporting, competitive and integration with external well-defined: generate foreign currency, since the vast majority of domestic production of soybeans and other goods primary target the export, playing important role in the generation of surplus of the Brazilian trade balance.

Word-key: Competitiveness, emphasized comparative advantage, external trade.

Introdução

A partir da última década do Século XX verificam-se transformações marcantes na nova ordem mundial, com a formação de grandes blocos político-econômicos, resultantes do processo de internacionalização do capital. Esse fato favoreceu o aprofundamento de novo padrão tecnológico, afetando heterogeneamente os Países considerados avançados e os periféricos. Nesse contexto, conhecer o setor exportador de uma unidade federativa, sua estrutura e especialidades, ou seja, a identificação dos produtos que exibem maiores vantagens comparativas e que mais contribuem para o comércio do país é de fundamental importância para a formulação de políticas para sua adequada inserção internacional.

No período 1996-2007, o saldo da balança comercial do Brasil saltou de um déficit de US\$ 5,6 bilhões, para um superávit de US\$ 40,03 bilhões. Esse fenômeno pode ser explicado pelos efeitos da desvalorização cambial em 1999 e pelo inexpressivo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do País durante esses anos. Em resumo:

Logo após o Plano Real, a balança comercial brasileira – superavitária entre 1981 e 1994 - passou a apresentar déficits em consequência da sobrevalorização cambial. Com a adoção do câmbio flexível, em 1999, esses déficits diminuíram continuamente, e a partir de 2001 a balança comercial passou a apresentar superávits crescentes. Além dos efeitos do câmbio, a queda nas importações reflete as modestas taxas de crescimento que o país vem experimentando nos últimos anos. (VICENTE, 2005, p. 05).



O mesmo autor aponta que essa inversão do sinal do saldo da balança comercial é fruto majoritariamente da contribuição do agronegócio, em especial dos produtos manufaturados e semi-faturados, que, segundo ele, chegou a responder por 54% do valor das exportações brasileiras em 2003. O atual estágio de desenvolvimento do agronegócio brasileiro, que coloca o país entre as nações mais competitivas do mundo na produção de *commodities* agroindustriais teve o seu momento de inflexão a partir de 2000, segundo Jank *et al.* (2005), em decorrência da desvalorização do real e do aumento da demanda no mercado internacional. De 2000 a 2006, a produção nacional de grãos passou de 57,8 para 126 milhões de quilos e as exportações: de R\$ 18,1 bilhões para R\$ 46,2 bilhões, exibindo, nesse caso, taxa de crescimento anual de 19,7%.

Com referências aos novos padrões de competitividade advindos principalmente da abertura comercial, a construção de indicadores das diversas mercadorias ou agrupamento de mercadorias possibilita análise mais acurada das vantagens e desvantagens das distintas regiões do País, visto que a forma de inserção do País no cenário internacional deve ter provocado uma reestruturação na distribuição espacial das atividades produtivas nos diferentes estados brasileiros. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo investigar as mudanças que ocorreram no perfil do comércio exterior de Mato Grosso, construindo e interpretando indicadores para diferentes agregados ou grupos de mercadorias no período 1996-2007. Para tanto, utilizam-se indicadores de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), de Contribuição ao Saldo da Comercial (ICSC) e de Taxa de Cobertura (TC), além de se identificar os *pontos fortes e fracos* do comércio exterior mato-grossense.

Metodologia e Fundamentos Teóricos

Existem diversos estudos que identificaram e quantificaram indicadores de competitividade e do padrão de especialização das diversas regiões do Brasil, tais como: Rocha & Leite (2007), Hidalgo & Mata (2003 e 2004), Fernandes & Vieira (2000), Maia (2005), Hidalgo (1998), dentre outros. Esses estudos fundamentam-se, originalmente, na clássica Teoria das Vantagens Absolutas de Adam Smith (1723-1790) e, mais fortemente, na Teoria das Vantagens Comparativas de David Ricardo (1772-1823). Dadas as limitações teóricas desses modelos, em meados do século XX, é formulada uma contribuição para a explicação das diferenças entre os custos de produção de uma mesma mercadoria em diferentes países: a conhecida Teoria de Heckscher-Ohlin¹, ou Teoria de Dotação de Fatores.

A Teoria de Heckscher-Ohlin explica a especialização na oferta de determinados bens ou mercadorias em um país pelas maiores vantagens em determinados fatores. Essas vantagens se sustentam nas potencialidades dos diferentes países (natural ou não,

¹ A teoria Heckscher-Ohlin teve origem em artigo de Eli Phillip Heckscher, publicado em 1919: "Internation and Interregional Trade". Porém, a divulgação de suas idéias, efetivamente, começou após a tradução para o inglês da tese de doutorado de seu discípulo, Bertil Ohlin, em 1933. Como Ohlin havia sido fortemente influenciado por Heckscher, essa argumentação ficou conhecida como Teoria de Heckscher-Ohlin.



de recursos naturais ou de mão-de-obra). Com base nesses fundamentos teóricos diversos autores definiram metodologias com a finalidade de se mensurar a especialização de determinada economia. Nesse sentido, a seguir, abordam-se alguns indicadores, propostos por Balassa (1965) e, posteriormente, por Lafay (1990).

- Vantagem comparativa revelada

Para mensuração da vantagem comparativa revelada (VCR) não é necessária a ocorrência do comércio bilateral, na medida em que o indicador é calculado a partir dos preços relativos dos bens (FERNANDES & VEIRA, 2000). O VCR aponta a participação das exportações de dado produto de determinada região em relação à participação dessa região no total das exportações do País. Por conseguinte, o indicador para uma região j , em um grupo de produtos i , é definido da seguinte forma:

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij}/X_{iz}}{X_j/X_z},$$

onde X_{ij} indica o valor das exportações do produto i na região j ; X_{iz} , o valor das exportações do produto i na zona de referência z ; X_j , o valor total das exportações da região j ; finalmente, X_z , o valor total das exportações da zona de referência z . Portanto, quanto maior for o volume exportado de determinado produto por uma região em relação ao volume total exportado desse mesmo produto, maior será a vantagem comparativa na produção desse bem. A interpretação do VCR é simples: para valor maior que um, o produto exibe vantagem comparativa revelada; por outro lado, para valor menor que um, o produto exibe desvantagem comparativa revelada.

- Contribuição para o saldo comercial

Outro índice que auxilia na identificação da especialização das exportações é o índice de contribuição para o saldo comercial (ICSC), definido por Lafay (1990). Ele consiste na comparação do saldo comercial observado de cada produto, ou grupo de produtos, com o saldo comercial teórico desse mesmo produto. O ICSC de um produto ou de grupo de produtos i , em uma região j , é estimado da seguinte maneira:

$$ICSC_{ij} = \frac{100}{(X+M)/2} \left[(X_i - M_i) - (X - M) \frac{(X_i + M_i)}{(X + M)} \right],$$

onde X_i denota as exportações e M_i , as importações do bem i . O primeiro termo dentro dos colchetes representa a balança comercial observada do produto i , enquanto o segundo indica a balança comercial teórica do produto i . Quando o $ICSC_{ij}$ for positivo, o produto i exibe vantagem comparativa revelada. Por oposto, para valores negativos do ICSC, o produto exibe desvantagem comparativa revelada.

- Taxa de cobertura

A taxa de cobertura do produto i é definida da seguinte forma:



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



$$TC_i = \frac{X_i}{M_i},$$

em que X_i denotam as exportações e M_i , as importações do produto i ou de grupo de produtos de dada região. A interpretação desse indicador é a seguinte: quando maior que um, o produto analisado contribui para o *superávit* da balança comercial de dada região, inversamente, quando menor que um, esse mesmo produto contribui para o *déficit* da mesma balança. Segundo Gutman & Miotti (1996), o cálculo da Taxa de Cobertura (TC) auxilia na identificação dos *pontos fortes e fracos* da especialização de determinada economia regional.

Por oportuno, os produtos que apresentam, simultaneamente, vantagem comparativa revelada (VCR maior que um e ICSC positivo) e taxa de cobertura (TC) superior a um, se constituem em *pontos fortes* da economia, enquanto os produtos com, concomitantemente, desvantagem comparativa revelada e taxa de cobertura inferior a um, se constituem em *pontos fracos* do comércio exterior. Em caso da presença exclusivamente de um dos critérios: desvantagem comparativa revelada ou de taxa de cobertura inferior a um, o produto se constitui em *ponto neutro*. Os *pontos fortes e fracos*, destarte, para dada região, viabilizam a identificação dos produtos com melhores oportunidades de inserção comercial internacional.

- Fontes de Dados

Os índices ou indicadores deste trabalho foram calculados a partir dos dados do comércio exterior do Brasil e do Estado de Mato Grosso, coletados na Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria e Comércio (SECEX/MIC), disponíveis no Sistema ALICE (Análise das Informações de Comércio Exterior da Secretaria do Comércio Exterior). O período de estudo situa-se de jan/1996 a dez/2007. O Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet, denominado ALICE-Web², da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), foi desenvolvido com vistas a modernizar as formas de acesso e a sistemática de disseminação dos dados estatísticos das exportações e importações brasileiras. O ALICE-Web é atualizado mensalmente por ocasião da divulgação da balança comercial e tem como base os dados obtidos a partir do Sistema Integrado de Comércio Exterior (SISCOMEX). Desde 1996 o sistema de classificação das mercadorias segue os padrões estabelecidos pelo MERCOSUL. A NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul) tem a finalidade de harmonizar as informações sobre comércio exterior dos países membros.

Nesse trabalho as informações foram padronizadas em grupos de produtos segundo as seções já definidas pelo sistema NCM. Com esse procedimento, tem-se 21 grupos: **I** – Produtos do Reino Animal (Capítulo 1 ao 5), **II** - Produtos do Reino Vegetal (Capítulo 6 ao 14), **III** – Óleos e Gorduras Vegetais e Animais (Capítulo 15), **IV** - Produtos da Indústrias Alimentares, Bebidas e Fumo (Capítulo 16 ao 24), **V**- Minerais (Capítulo 25 ao 27), **VI** - Produtos Químicos (Capítulo 28 ao 38), **VII** - Plástico e

² Disponível para acesso em <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>



Borracha (Capítulo 39 ao 40), **VIII** - Couros e Peles (Capítulo 41 ao 43), **IX** - Madeira e Carvão Vegetal (Capítulo 44 ao 46), **X**- Papel e Celulose (Capítulo 47 ao 49), **XI** - Têxtil e Vestuário (Capítulo 50 ao 63), **XII** - Calçados e Chapéus (Capítulo 64 ao 67), **XIII** - Minerais Não Metálicos (Capítulo 68 ao 70), **XIV** - Metais Preciosos e Pérolas (Capítulo 71), **XV** - Metais Comuns (Capítulo 72 ao 83), **XVI** - Máquinas e Equipamentos (Capítulo 84 ao 85), **XVII** - Material de Transporte (Capítulo 86 ao 89), **XVIII** – Ótica e Instrumentos (Capítulo 90 ao 92), **XIX** - Armas e Munições (Capítulo 93), **XX** - Mercadorias Diversas (Capítulo 94 ao 96) e, **XXI** – Objetos de Artes (Capítulo 97 ao 99).

Resultados e Discussão

Primeiramente analisa-se a balança comercial do Brasil e de Mato Grosso. De acordo com a Tabela I, nota-se que os saldos da balança comercial do Brasil exibem déficit no período 1996-2000. Entrementes, alterando-se a tendência, em 2001, tem-se superávit de US\$ 2,68 bilhões nessa balança. Por sua vez, no mesmo ano, o superávit da balança comercial de Mato Grosso foi de US\$ 1,26 bilhões. Destarte, esse valor respondeu por aproximadamente 47% do superávit registrado na balança comercial do País nesse ano, apontando a importância dos produtos comercializados por Mato Grosso no comércio internacional e de sua contribuição para os saldos positivos registrados na balança comercial do Brasil.

Durante o período em análise (1996-2000) Mato Grosso exibiu saldos positivos crescentes em sua balança comercial: em 2007, o montante exportado é cerca de 6 vezes maior que o valor observado em 1996. Nesse cenário, a estratégia de intensificação das trocas da economia regional com o mercado internacional tem se constituído em uma das principais alternativas do modelo de crescimento ora em curso na economia mato-grossense. Outrossim, é merecedor de destaque o fato dos valores das exportações dessa economia terem crescido mais que proporcionalmente que aos das importações. Em particular, em 2007, há um grande salto no valor importado, quase que dobrando em relação ao ano anterior.

Tabela 1- Brasil e Mato Grosso - Balança Comercial - 1996 - 2007 - US\$ Bilhões

Anos	Brasil			Mato Grosso		
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo
1996	47,75	53,35	(5,60)	0,66	0,06	0,60
1997	52,99	59,75	(6,75)	0,93	0,08	0,84
1998	51,14	57,76	(6,62)	0,65	0,08	0,57
1999	48,01	49,30	(1,29)	0,74	0,15	0,59
2000	55,12	55,85	(0,73)	1,03	0,09	0,94
2001	58,28	55,60	2,68	1,40	0,14	1,26
2002	60,44	47,25	13,19	1,80	0,21	1,59
2003	73,20	48,33	24,87	2,19	0,28	1,91
2004	96,68	62,84	33,84	3,10	0,42	2,68
2005	118,53	73,60	44,93	4,15	0,41	3,74
2006	137,81	91,35	46,46	4,33	0,41	3,93
2007	160,65	120,62	40,03	5,13	0,75	4,38



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Fonte: Elaboração própria sobre a base de dados do Sistema ALICE/SECEX
Nota: Os dados entre parênteses () são valores negativos.

Em seguida, na Tabela 2, identificam-se os grupos de produtos nos quais Mato Grosso exibe vantagem comparativa revelada na exportação, ou seja, nessa Tabela constam os Índices de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR) segundo os 21 grupos de produtos. Observa-se que o Estado detém vantagem comparativa revelada nos grupos I, II, III, IV, VIII, IX, XI e XIV. Vejamos, a seguir, com mais detalhes, cada um dos Grupos com VCR maior que um.

**Tabela 2- Mato Grosso - Vantagem Comparativa Revelada de Mato Grosso - 1996-2007**

SEÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
I Produtos do Reino animal	0,17	0,63	2,67	1,94	1,08	0,83	0,65	0,82	0,68	0,92	2,35	2,26
II Produtos do Reino Vegetal	2,85	4,29	4,91	4,49	6,78	6,73	6,50	5,25	5,08	6,85	7,13	5,91
Óleos e Gorduras vegetais e												
III animais	5,56	4,17	2,82	4,30	4,69	2,86	3,95	4,57	5,47	7,19	5,27	4,74
Produtos da Indústrias												
IV alimentares, bebidas e fumo	2,77	2,23	2,06	2,29	2,46	1,73	1,92	2,07	2,15	1,81	1,32	1,38
V Minerais	0,02	0,02	0,02	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01
VI Produtos Químicos	0,00	0,00	0,00	0,01	0,03	0,02	0,01	0,01	0,03	0,05	0,03	0,02
VII Plástico e Borracha	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,01
VIII Couros e Peles	0,37	0,11	0,84	1,26	0,67	0,42	0,40	0,40	0,27	0,55	1,14	1,01
IX Madeira e Carvão vegetal	2,00	1,75	2,02	2,71	2,80	2,36	1,99	2,17	2,02	1,77	1,96	2,29
X Papel e Celulose	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XI Têxtil e Vestuário	0,00	0,00	0,00	0,16	0,65	2,07	1,67	2,61	3,96	3,67	2,78	3,85
XII Calçados e Chapéus	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XIII Minerais não metálicos	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XIV Metais preciosos e pérolas	8,26	4,08	0,91	0,71	0,53	0,41	0,60	0,32	0,04	0,17	1,27	2,10
XV Metais Comuns	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XVI Máquinas e Equipamentos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
XVII Material de transporte	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XVIII Óptica e Instrumentos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XIX Armas e Munições	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XX Mercadorias diversas	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,00	0,01	0,01	0,02	0,04
XXI Objetos de artes	0,00	0,01	0,01	0,00	0,07	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: Elaboração própria sobre a base de dados do Sistema ALICE/SECEX

- ❖ No Grupo I estão insertos os produtos de origem animal (cavalar, bovina, galináceo, caprinos, suínos, entre outros) vivo e suas partes, além do leite e seus derivados. Para esse grupo, o VCR é superior ao número um de 1998 a 2000, além do biênio 2006-2007. Em 1998, como ilustração, os produtos de origem bovina representaram em torno de 6,89% do valor das exportações de Mato Grosso. Em 2006 e 2007, experimentando trajetória crescente, a exportação desses produtos respondeu, respectivamente, por 11,67% e 11,89%, do valor das exportações mato-grossenses. Em volume exportado, ainda sobre o mesmo produto, por oportuno, salta-se de pouco mais de 44 t, em 1996, para 223 t, em 2007. Esse incremento no período, de mais de 500%, revela a especialização e a importância que esses produtos exibem para a balança comercial do Estado, atualmente detentor do maior rebanho bovino do país.
- ❖ No Grupo II constam os diversos produtos do reino vegetal, desde as sementes e frutos de diversas espécies, até plantas vivas, hortaliças, sucos e demais extratos vegetais. Esse grupo exhibe VCR maior que um de 1996 a 2007, variando de 2,85



(1996) a 7,13 (2006), se destacando, dessa maneira, pela presença de valores elevados desse indicador. Os produtos que mais contribuíram para esses resultados são os originários da oleaginosa da soja, principalmente os grãos destinados à semeadura, e os triturados, que são exportados praticamente *in natura* para os mercados externos. Em 2006, com contribuição acentuada, somente os grãos de soja foram responsáveis por 52,23% do valor das exportações de Mato Grosso. Em termos monetários esse resultado representou mais de US\$ 260 bilhões, e em volume, cerca de 9 mil t. Outros produtos também se destacaram nesse grupo, como o milho: em 2007 foram mais de 3 mil t exportadas desse produto. O algodão também teve destaque, com mais de 6 mil t exportadas.

- ❖ O Grupo III é composto pelas variações de óleos, gorduras e sebos de origem animal e vegetal. Ele tem grandes similaridades com o grupo anterior, todos também com VCR superior a um. Os produtos que mais contribuíram para esse resultado se originam na soja, como os diversos tipos de óleos. Em 1996 foram exportados cerca de 121 milhões de litros de óleos brutos, que contribuíam com 10,09% do valor das exportações mato-grossenses do período, em torno de US\$ 66 milhões. Nos anos seguintes, além dos óleos brutos, algumas variações de óleos refinados originários da soja foram acrescidas à pauta de exportações do Estado. Como síntese, constata-se que os Grupos: II e III, centrados na exportação de grãos de soja e seus derivados, estão visceralmente vinculados ao principal produto da pauta de exportação de Mato Grosso.
- ❖ No Grupo IV, que também exibe VCR maior que um em todos os anos ora em análise, abriga os produtos da indústria alimentar e bebida de origem animal ou vegetal, tais como preparações de carnes, açúcar, cacau e derivados, bebidas, fumo entre outros. Nesse grupo, o produto que mais vem contribuindo e experimentando aumento na sua participação no volume das exportações é o bagaço de soja. Para se ratificar sua relevância nas exportações do Estado, em 1996, mais de 1,2 milhões de toneladas desse produto foram exportadas pela economia mato-grossense. Esse valor representou mais de 40% do valor das exportações do Estado naquele ano. Pode-se inferir, por conseguinte, que os produtos do Grupo IV reforçam os comentários que constam no final do item imediatamente anterior.
- ❖ No Grupo VIII, onde se inserem os produtos do couro e peles de animais, o VCR é maior que um em 1999, 2006 e 2007. Esses três anos estão contidos no conjunto de anos em que os produtos do Grupo I exibem VCR maior que um. Desse modo, dado que os produtos do Grupo VIII, majoritariamente, abrigam produtos derivados da bovinocultura, as análises desses produtos se assemelham às constantes no Grupo I.
- ❖ O Grupo IX contém produtos derivados da madeira e do carvão mineral, exibindo valores de VCR superior a um em todo o período ora em análise. Nesse sentido, embora os produtores desse Grupo venham sendo alvo de diversas críticas em função de suas condutas, de modo geral, degradantes do meio ambiente físico,



esses produtos contemplam importante eixo da economia mato-grossense. Além disso, ultimamente, de maneira competitiva, esses produtos estão se posicionando adequadamente no cenário internacional.

- ❖ O Grupo XI, constituído de produtos têxteis e vestuário em geral, de algodão, sintéticos, rendas e malha, tem VCR positivo, contudo inferior a um em 1999 e 2000, e maior que um, de 2001 a 2007, destacando-se, nesse caso, a presença de produtos *in natura*. Em 2002, como ilustração, ocorre a exportação de produtos manufaturados como tecidos e roupas do vestuário masculino e feminino, entretanto, ainda assim, predominam as exportações do algodão *in natura*. Em 2007, o valor da exportação desse produto foi de US\$ 290 milhões, atingindo 6% do valor total das exportações de Mato Grosso nesse ano. De forma singular, reforçando comportamento dos produtos dos Grupos I, II, III, IV, VIII e IX, os produtos desse Grupo revelam que na pauta de exportação mato-grossense predominam produtos *in natura*, apontando, por conseguinte, o baixo grau de industrialização de sua economia.
- ❖ O último Grupo onde os valores do VCR são superiores a um é o XIV, onde constam os metais e pedras preciosas e semi-preciosas. Nota-se que o valor do indicador é maior que um em 1996 e 1997, além de 2006 e 2007. Dentre os produtos desse Grupo que fazem parte da pauta de exportação mato-grossense, citam-se: diamante e o ouro. Em 2006 foram exportados US\$ 43 milhões em artefatos de ouro e diamantes, enquanto em 2007: US\$ 83 milhões. Esse Grupo contempla relevantes produtos de extração mineral, com importância, conquanto reduzida, ascendente, na pauta de exportação de Mato Grosso.

Outrossim, mesmo sendo um índice muito conhecido e utilizado, o VCR contém algumas limitações, dentre elas está o fato de apenas levar em consideração o valor das exportações, negligenciando, desse modo, as importações. Diferentemente desse indicador, o ICSC (Índice de Contribuição ao Saldo Comercial), cujos valores constam na Tabela 3, aponta a relação entre as exportações e as importações de Mato Grosso. Não obstante a diferença conceitual entre os dois indicadores, nota-se que o ICSC assume valores positivos (Tabela 3) nos mesmos Grupos em que o VCR (Tabela 2) é maior que um, ou seja: I, II, III, IV, VIII, IX, XI e XIV. Por lógico, esse resultado não é mera coincidência: os dois indicadores ratificam que as vantagens comparativas reveladas estão sendo geradas pelos mesmos produtos.


Tabela 3- Mato Grosso - Índice de Contribuição ao Saldo Comercial de 1996 a 2007

SEÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
I Produtos do Reino animal	(1,01)	0,11	0,65	0,99	0,28	0,33	0,32	0,48	0,46	0,51	1,09	1,69
II Produtos do Reino Vegetal	(1,12)	3,34	4,44	4,87	3,84	4,54	5,05	4,79	4,88	4,29	4,17	5,54
III Óleos e Gorduras vegetais e animais	0,73	0,45	0,54	0,99	0,30	0,21	0,51	0,78	0,89	0,72	0,40	0,63
IV Produtos da Indústrias alimentares, bebidas e fumo	3,45	2,78	3,18	4,67	2,06	1,83	2,32	2,46	2,51	1,59	1,20	1,69
V Minerais	(0,05)	(0,10)	(0,10)	(0,07)	(0,15)	(0,28)	(2,36)	(2,20)	(0,61)	(0,44)	(0,38)	(0,33)
VI Produtos Químicos	(0,83)	(0,71)	(2,07)	(1,08)	(3,79)	(5,15)	(6,12)	(6,31)	(8,94)	(6,31)	(5,51)	(8,58)
VII Plástico e Borracha	(0,08)	(0,25)	(0,43)	(0,19)	(0,21)	(0,05)	(0,03)	(0,03)	(0,05)	(0,10)	(0,18)	(0,18)
VIII Couros e Peles	0,04	0,01	0,11	0,25	0,07	0,06	0,06	0,06	0,04	0,06	0,13	0,16
IX Madeira e Carvão vegetal	0,20	0,29	0,41	1,07	0,51	0,48	0,54	0,61	0,66	0,36	0,35	0,53
X Papel e Celulose	(0,01)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,01)	(0,01)
XI Têxtil e Vestuário	(0,07)	(0,01)	(0,02)	0,04	0,10	0,38	0,31	0,59	0,86	0,51	0,23	0,43
XII Calçados e Chapéus	(0,01)	(0,01)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	-	(0,00)	-	0,00	(0,00)	(0,00)	(0,01)
XIII Minerais não metálicos	(0,02)	(0,00)	(0,06)	(0,01)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	(0,01)	(0,01)	(0,00)
XIV Metais preciosos e pérolas	0,92	0,40	0,10	0,11	0,04	0,03	0,06	0,03	0,00	0,01	0,08	0,18
XV Metais Comuns	(0,04)	(0,13)	(1,43)	(1,96)	(0,66)	(0,31)	(0,22)	(0,08)	(0,21)	(0,15)	(0,37)	(0,63)
XVI Máquinas e Equipamentos	(1,42)	(0,83)	(1,89)	(0,95)	(1,98)	(1,90)	(0,29)	(0,81)	(0,31)	(0,81)	(0,92)	(0,84)
XVII Material de transporte	(0,19)	(4,99)	(2,69)	(8,65)	(0,34)	(0,07)	(0,08)	(0,32)	(0,10)	(0,19)	(0,19)	(0,18)
XVIII Óptica e Instrumentos	(0,44)	(0,31)	(0,67)	(0,06)	(0,06)	(0,10)	(0,06)	(0,04)	(0,10)	(0,02)	(0,05)	(0,08)
XIX Armas e Munições	-	-	(0,05)	-	-	-	-	-	-	-	-	(0,00)
XX Mercadorias diversas	(0,04)	(0,03)	(0,02)	(0,01)	(0,00)	(0,00)	(0,00)	0,00	(0,00)	(0,02)	(0,01)	(0,01)
XXI Objetos de artes	(0,00)	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	-	0,00	0,00	0,00

Fonte: Elaboração própria sobre a base de dados do Sistema ALICE/SECEX

Nota: os índices entre parênteses () aprestam valores negativos.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Em seqüência, na tabela 4 constam valores da taxa de cobertura (TC). Verifica-se que os grupos em que a TC é superior a um, isto é, os produtos que contribuem para o superávit da balança comercial de Mato Grosso são precisamente aqueles em que se constata a presença de vantagens comparativas reveladas, apontada pelas análises do VCR e do ICSC.

Por fim, uma vez calculados os três indicadores já comentados (VCR, ICSC e TC), em seqüência, identificam-se os denominados “*pontos fortes*” e “*pontos fracos*” do comércio exterior da economia mato-grossense, seguindo os critérios de Guttman & Miotti (1998). Para esses pensadores são considerados “*pontos fortes*” aqueles produtos que, simultaneamente, exibem vantagens comparativas reveladas e taxa de cobertura maior que a um. Os resultados constam na Tabela 5. Os “*pontos fortes*” constam em determinados anos ou todos os anos do período analisado nos grupos: I, II, III, IV, VIII, IX, XI e XIV. Ratificando-se, portanto, os mesmos grupos citados anteriormente. Por conseguinte, deduz-se que os produtos desses grupos, por, simultaneamente, exibirem vantagens comparativas reveladas e contribuir para o *superávit* da balança comercial mato-grossense, também exibem vantagens competitivas para a economia do Estado.



Tabela 4 - Mato Grosso - Taxa de Cobertura - 1996 a 2007

MATO GROSSO	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
I Produtos do Reino animal	0,41	48,57	49,96	2.238,59	4.191,99	357,40	252,06	-	1.456,49	12.821,86	7.106,92	14.153,84
II Produtos do Reino Vegetal	6,60	166,23	80,99	31,39	333,49	262,62	401,09	535,79	5.300,32	7.007,80	2.579,84	972,65
III Óleos e Gorduras vegetais e animais	-	-	-	-	12.919,78	66,33	185,44	131,35	205,89	443,22	201,99	505,34
IV Produtos da Indústrias alimentares, bebidas e fumo	171,32	728.871,06	1.968,74	1.304,20	21.791,32	3.454,26	1.196,05	697,37	658,87	601,15	578,76	3.820,30
V Minerais	2,31	0,80	0,87	0,76	0,20	0,03	0,00	0,00	0,01	0,01	0,02	0,44
VI Produtos Químicos	0,01	0,00	0,00	0,02	0,03	0,01	0,00	0,00	0,01	0,03	0,02	0,01
VII Plástico e Borracha	0,03	0,00	0,00	0,02	0,00	0,01	0,14	0,01	0,00	0,00	0,49	0,09
VIII Couros e Peles	105,70	44,78	124,78	27.405,67	24.555,87	-	144,41	305,54	2.974,70	256,62	743,24	198,13
IX Madeira e Carvão vegetal	28,83	211,83	93,29	193,09	130,74	700,73	594,32	1.431,54	732,90	389,15	693,17	538,53
X Papel e Celulose	-	0,11	-	0,75	0,20	-	1,28	0,27	0,07	0,07	0,02	0,00
XI Têxtil e Vestuário	-	0,29	-	36,09	139,12	11.793,60	1.200,64	737,01	173,16	98,58	35,37	21,20
XII Calçados e Chapéus	-	-	-	1,01	0,04	-	0,03	-	-	0,01	-	0,00
XIII Minerais não metálicos	-	0,12	0,04	1,28	0,63	0,45	0,10	0,15	0,06	0,08	0,00	0,23
XIV Metais preciosos e pérolas	2.164,13	63.658,83	49.411,76	16.585,23	-	-	-	-	-	49,69	340,52	239,01
XV Metais Comuns	0,01	0,42	-	0,00	0,01	0,00	0,01	0,01	0,12	0,01	0,01	0,01
XVI Máquinas e Equipamentos	0,00	-	0,01	0,02	0,01	0,00	0,02	0,01	0,18	0,03	0,01	0,02
XVII Material de transporte	0,04	0,00	0,01	0,01	0,01	0,00	0,03	0,00	0,05	0,00	0,00	0,00
XVII I Óptica e Instrumentos	-	0,00	-	0,00	-	-	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XIX Armas e Munições	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
XX Mercadorias diversas	0,15	0,26	0,66	0,83	3,67	2,22	6,25	85,60	2,90	0,72	0,79	2,23
XXI Objetos de artes	0,20	43,25	22,43	24,21	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria sobre a base de dados do Sistema ALICE/SECEX

**Tabela 5 - Mato Grosso - Pontos Fortes e Pontos Fracos**

		1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
I	Produtos do Reino animal	FRACO	NEUTRO	FORTE	FORTE	FORTE	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	FORTE	FORTE
II	Produtos do Reino Vegetal	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE
III	Óleos e Gorduras vegetais e animais	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE
IV	Produtos da Indústria alimentares, bebidas e fumo	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE
V	Minerais	NEUTRO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
VI	Produtos Químicos	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
VII	Plástico e Borracha	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
VIII	Couros e Peles	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	FORTE	FORTE	FRACO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO
IX	Madeira e Carvão vegetal	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE
X	Papel e Celulose	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	NEUTRO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
XI	Têxtil e Vestuário	FRACO	FRACO	FRACO	NEUTRO	NEUTRO	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE	FORTE
XII	Calçados e Chapéus	FRACO	FRACO	FRACO	NEUTRO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
XIII	Minerais não metálicos	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
XIV	Metais preciosos e pérolas	FORTE	FORTE	NEUTRO	NEUTRO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	NEUTRO	FORTE	FORTE
XV	Metais Comuns	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
XVI	Máquinas e Equipamentos	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
XVII	Material de transporte	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
XVIII	Óptica e Instrumentos	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
XIX	Armas e Munições	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO
XX	Mercadorias diversas	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	FRACO	FRACO	NEUTRO
XXI	Objetos de artes	FRACO	NEUTRO	NEUTRO	NEUTRO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO	FRACO

Fonte: Elaboração própria sobre a base de dados do Sistema LICE/SECEX



Considerações Finais

Foi proposto nesse artigo identificar os grupos de produtos da economia de Mato Grosso que apresentam vantagens competitivas no comércio exterior. Com essa finalidade foram estimados indicadores de Comércio Exterior, tais como: VCR (Vantagens Comparativas Reveladas), ICSC (Índice de Contribuição ao Saldo da Balança Comercial), TX (Taxa de Cobertura) e a identificação dos “*pontos fortes*” e “*pontos fracos*” do comércio exterior mato-grossense. De modo geral, os resultados apontam que o Estado exibe vantagens competitivas nos grupos de produtos I (produtos do reino animal), II (produtos do reino vegetal), III (óleo e gorduras vegetais), IV (produtos das indústrias alimentícias e bebidas), VIII (couros e peles), IX (madeira e carvão vegetal), XI (têxtil e vestuário) e XIV (metais preciosos). Por outro lado, ele é dependente da importação de produtos dos grupos: VI (produtos químicos) XV (metais comuns), XVI (máquinas e equipamentos) e XVII (material de transporte).

Se, de um lado, os produtos em que a economia mato-grossense exibe “*pontos fortes*” indicam os principais bens por ela exportados, além de conformar a existência de um modelo primário-exportador com centralidade na produção de soja e de outros bens de origem agropecuária menos relevantes na sua pauta de exportação, de outro lado, os bens em que o Estado revela dependência de importação, em predominância, se constituem em fatores de produção, ou seja, fazem parte do processo produtivo do eixo mais dinâmico da sua economia, isto é, da produção de soja e de poucos outros bens agropastoris. Destarte, os principais bens importados, sejam as máquinas e equipamentos, sejam insumos diversos, se constituem em suporte e em elementos estratégicos dos processos produtivos que se especializam na produção de bens voltados à exportação, majoritariamente *in natura*.

Em especial, as vantagens competitivas de Mato Grosso no comércio internacional estão intimamente ligadas aos resultados obtidos pela exportação de *commodities*. Nesse sentido, há que se destacar a importância dos incentivos governamentais destinados à exportação desses produtos, tais como a Lei Kandir (1996), que isenta de ICMS a comercialização no exterior de produtos primários e semi-elaborados. Outro fator que tem garantido o expressivo aumento no volume de exportação dos produtos da economia mato-grossense é representado pelos ganhos de produtividade que as unidades produtivas do Estado vêm obtendo nos últimos anos, em particular, na agropecuária, decorrentes de inovações físico-químicas, mecânicas, biológicas e organizacionais.

Nesse ambiente, como imposição de uma dinâmica competitiva -que se suporta no aumento da produtividade dos fatores de produção mais representativos- e do papel que ela desempenha na sua inserção externa -geradora de divisas para fazer face ao pagamento da dívida externa do País-, a economia mato-grossense, reafirmando-se, está se especializando na produção de bens primários voltados à exportação. Sobre as implicações sociais e ambientais desse modelo quase monocultor, naturalmente, cabem muitas outras reflexões e dúvidas.



Referências Bibliográficas

- BALASSA, B. Trade liberalization and revealed comparative advantage. Washington: World Bank, 1965.
- BARROS, G. S. C. Agronegócio Brasileiro: Perspectivas, desafios e uma agenda para seu desenvolvimento. Piracicaba-SP. CEPEA/ESALQ-USP. Jul. 2006.
- CARVALHO, M. A de, e SILVA, C. R L. da . **Economia Internacional**, São Paulo: Saraiva, 2006.
- FERNANDES, C. L.; VIEIRA FILHO, J. E. R. Especialização e competitividade de Minas Gerais no Mercado Internacional: Um estudo de Indicadores de Comércio Exterior no período de 1992 a 1999. Apresentado no **IX Seminário sobre a Economia Mineira**, Minas Gerais, p.357-382. 2000.
- GUTMAN, G. E.; MIOTTI, L. E. Exportaciones agroindustriales de América Latina y Caribe: especialización, competitividad y oportunidades comerciales em los mercado de la OCDE apud HIDALGO, Álvaro Barrantes. Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 29, p. 491-515, jul.1998. Número especial.
- HIDALGO, Á. B.; MATA, D. F. P. G da. Exportações do Estado de Pernambuco, mudança na estrutura e perspectivas, **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, 2004.
- HIDALGO, Á. B. Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 29, p. 491-515, jul.1998. Número especial.
- JANK, M. S.; NASSAR, A. M.; TACHINARDI, M. Agronegócio e comércio exterior. Dossiê Brasil Rural, **Revista USP**, São Paulo n. 64, pp. 14-27, Fev 2005.
- LAFAY, G. Mesure des avantages comparatifs reveles. **Économie perspective internationale**, Paris, n. 41, 1990.
- MAIA, S. F. Transformações na estrutura produtiva de Estado do Paraná na década de 90: análise por vantagem comparativa. In: MAIA, Sinézio; MEDEIROS, Fernandes; NATALINO, Henrique (Orgs.). **Transformações recentes da economia paranaense**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 156 p. 2005.
- MIRANDA. S. H. G. **Comércio e negociações internacionais** In. BARROS, G. S. C. Agronegócio Brasileiro: Perspectivas, desafios e uma agenda para seu desenvolvimento” Piracicaba-SP. CEPEA/ESALQ-USP. Jul. 2006.
- ROCHA, L. E. V.; LEITE, W. T. A.. **Transformações recentes do agronegócio mineiro: Uma análise de indicadores de comércio exterior no período de 1996-2006**. Revista de Economia e Agronegócio, v. 5, p. 425-452. 2007.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



VICENTE, J. R. **Competitividade do agronegócio Brasileiro 1997-2003**. Revista de Agricultura de São Paulo – São Paulo, v. 52, n. 1, p. 5-19 . jan/jun.2005.